

Avese Criadores

Revista da Associação Lusa de Criadores de Aves de Capoeiras



2	Actualidade
3	A Entrevista com Adairton Cezar Gomes
6	Origem e História da Raças Autóctones
10	A Pedrês Portuguesa
12	Rhode Island Red
15	A Criação de Tadortas
18	Exposição Campo Maior
20	Classificados

actualidade



Comendador Rui Nabeiro, Presidente CMCM Ricardo Pinheiro e Presidente da ALCAC António Damas

Reunião da Direcção

A direcção da Associação reuniu para definir o plano de actividades para o ano 2014.

Desde o início da fundação da associação não nos tem sido fácil encontrar um local para realizar as nossas exposições e onde tenhamos o apoio logístico e colaborações necessárias para que o um evento desta natureza se realize.

Tendo esta direcção encontrado algum desse apoio primeiramente no Município de Elvas com alguma cooperação do Município de Campo Maior para a exposição da ALCAC 2011.

Depois de algumas reuniões com o Município de Elvas e Campo Maior decidiu esta direcção realizar a exposição ALCAC 2012 no Município de Campo Maior tendo como consequência o apoio Do Exm^o Sr. Comendador Rui Nabeiro e da sua empresa Delta Cafés.

Por esse motivo realizou-se também o evento de 2013 em Campo Maior, e dado que mais uma vez este Município e a Delta Cafés expressaram publicamente, fig 1, o interesse de continuar a divulgar a Avicultura e tornar a EXPO ALCAC uma exposição de referencia a nível nacional , vamos de novo em 2014 estar em Campo Maior onde esta bonita vila Alentejana nos tem recebido de braços abertos.

Relativamente á participação da ALCAC na Feira Internacional de Agro Pecuária, em Estremoz (FIAPE 2014) não temos ainda confirmação nem garantias que nos garantam as condições necessárias á nossa participação.

a entrevista



Adairton Cezar Gomes

Nesta rubrica, pretendemos através de uma entrevista feita aos nossos associados, dar a conhecer o que nos motiva a cada um de nós, como criadores, dedicar parte do tempo às aves de capoeira e ornamentais, que potenciais encontramos neste sector da avicultura, quais os recursos que consideramos fundamentais para ter uma pequena criação, instalações, equipamentos, alimentação e importância dos critérios de selecção dos animais com os quais pretendemos iniciar a nossa criação.

Queremos ainda dar a conhecer cada uma das diferentes raças criadas e deste modo contribuir assim, para a sua valorização em função do potencial que lhes é reconhecido e as caracteriza.

Esperamos desempenhar um papel relevante, no trabalho de divulgação, valorização e preservação de raças puras, fundamental para a manutenção da diversidade genética dentro das espécies consideradas.

Depois de definidos os critérios de selecção para estabelecer a ordem dos associados a entrevistar, a nossa primeira viagem foi até ao Cartaxo onde o associado Adairton Cezar Gomes nos recebeu na sua quinta. Um espaço onde logo que entramos vimos que existe gosto e dedicação por uma criação de aves de capoeira e ornamentais, de uma forma cuidada.

Este associado de profissão Médico dentista, sempre que pode, aproveita o seu tempo livre para cuidar dos seus animais.

a entrevista



legenda

1. A criação de animais, mesmo tida como um hobby é algo que requer bastante trabalho tempo e dedicação. Com a sua profissão como consegue consolidar ambas?

Efectivamente apenas a paixão que nutro pelas aves consegue levar-me a realizar verdadeiras proezas em termos de gestão do tempo, obrigando a um cuidado balanço entre profissão, lazer e vida familiar. No entanto a avaliação que faço do tempo que dedico a esta actividade é extremamente positiva e gratificante, complementando e enriquecendo as restantes dimensões da minha vida pessoal e profissional.

2. O que é que o atraiu para a criação de aves de capoeira e ornamentais?

Acho que no caso das aves de capoeira foi a beleza do animal de algum modo associada ao seu carácter utilitário. A facilidade relativa da manipulação genética das aves e o desenvolvimento e/ou apuramento de novas espécies constitui-se como um desafio constante,

uma aventura na atenção ao detalhe e ao pormenor de cada uma das características das espécies. No caso das aves ornamentais esse desafio atinge novos patamares levando mais longe a minha paixão por estes animais. Aqui o tempo e a paciência associados à dedicação e ao estudo constante abrem novos horizontes no apuramento de padrões e cores únicas.

3. Quais as raças a que se dedica e por que razão optou por cada uma delas?

Os pavões são a minha fonte principal de dedicação, são aves que realmente me fascinam, pela beleza e também pela manipulação genética que nos permite depois de algum conhecimento na área tentar buscar novas mutações e alguma cor ainda não catalogada, acaba por ser um desafio a médio/longo prazo.

Também dedico-me a criação de algumas aves exóticas e algumas raças de galinhas.



legenda

4. Quais as principais dificuldades que encontra na criação dos seus animais e como contorna essas dificuldades?

As principais dificuldades acontecem no início da criação, pela falta de informação sobre a manutenção e reprodução de algumas espécies, temos que nos tornar autodidactas e buscar conhecimento através de erros e acertos. Pode-se tornar frustrante para quem esteja a iniciar na área deparar-se com alguns fracassos e perda de animais por falta de apoio e conhecimento.

5. Foi associado fundador da ALCAC, por que razões aderiu a esse projecto?

Creio que uma associação como a ALCAC faz todo o sentido no contexto nacional, onde a informação sobre a criação, apuramento e divulgação das diferentes espécies assume quer uma vertente de desafio pelo trabalho que há a fazer neste sector, quer de realização pelo seu carácter pioneiro e inovador, junto do público em geral e dos diferentes

criadores, funcionando como rede de ligação e troca de informação entre criadores, promovendo uma maior partilha de saberes e de recursos associados a criação das diferentes espécies de aves.

6. Acha importante a realização de exposições de aves de capoeira e ornamentais? Porquê?

Absolutamente. A mostra das diferentes espécies para além da divulgação das mesmas junto do público em geral permite que os criadores afirmem características e padrões das raças contribuindo para a criação de um perfil das mesmas, bem como para serem divulgadas as raças autóctones.

7. Na sua perspectiva, como vê o trabalho realizado pela associação até ao momento e que outras actividades ou serviços de interesse gostaria que a ALCAC realiza-se?

Bastante positivo, permitindo criar as bases para todo um novo conjunto de actividades que podem ir na linha das anteriormente desenvolvidas aprofundando-as ou no lançamento de novas actividades ampliando o campo de actuação da associação, nomeadamente no campo da formação de criadores e da divulgação das raças junto da população em geral.

8. Que conselhos daria para alguém que pretenda iniciar a criação de aves?

Talvez o mais importante seja a paixão por estes animais e a disciplina e paciência necessárias para a sua manutenção e reprodução com todos os desafios que cada uma das raças envolve, sendo necessário estudar e adquirir conhecimento prévio sobre as raças que tenciona iniciar a criação para que não haja fracasso e desmotivação.

origens e história



Galinhas Autóctones Portuguêsas

As raças autóctones, representam anos e anos de evolução das espécies, munindo-as de um potencial genético que lhes permitiu ao longo dos anos a sua adaptação ao meio ambiente a todas as suas adversidades.

Com estas raças, com este património genético, seguramente se irão encontrar respostas para a solução de parte dos problemas resultantes da intensificação dos sistemas de produção.

As Galinhas de Raça Autóctone Portuguesa São a Preta Lusitânica, a Amarela, a Pedrês Portuguesa e Branca Portuguesa.

Estas raças são caracterizadas pela sua elevada rusticidade, pela sua riqueza genética, pela sua invulgar beleza e requinte e pelas suas extraordinárias qualidades organolépticas (AMIBA).

A AMIBA, é a Associação detentora da gestão do Registo Zootécnico/Livro Genealógico destas raças de galinhas,

reconhecidas como raças genuinamente Portuguesas. É uma associação de âmbito nacional de criadores de raças autóctones, que tem como objectivo a preservação, melhoramento a cria e comercialização deste tipo de animais.

Estas raças autóctones habitam quase toda a área de Portugal Continental, mas no último século regrediram de forma assustadora em número de efectivo e em área ocupada existindo actualmente menos de duas mil fêmeas exploradas em linha pura, por raça (segundo a lista de raças ameaçadas e grau de risco de extinção, são consideradas raças raras, particularmente ameaçadas).

São apoiadas por parte do Estado, estando incluídas num Plano de Melhoramento Animal e os seus criadores podem beneficiar de apoios para a sua criação (medidas agro-ambientais –protecção da biodiversidade doméstica).

Apesar do reduzido número de exemplares desta espécie, o número de criadores nestes últimos anos tem

aumentado significativamente, assim como o número de animais.

Relativamente à identificação das aves, esta é feita pela aposição de uma anilha metálica, devidamente numerada na asa direita do animal. Até aos seis meses de idade os animais são inscritos no Livro de Nascimento, a título provisório, depois dessa data poderão ser inscritos no Livro de Adultos caso apresentem as características inerentes ao padrão da raça.

Desde o início dos Registos Zootécnicos/Livros Genealógicos das raças, a Amiba procede à identificação e registo dos animais nos respectivos livros das raças, presta apoio técnico e sanitário aos seus criadores, promove exposições e concursos das raças, elabora material de divulgação e efectua a promoção das mesmas.

Fonte: AMIBA, Dra. Susana Lopes, Secretária Técnica do Registo Zootécnico/ Livro Genealógico das Raças de Galinhas Pedrês Portuguesa/Preta Lusitânica/ Amarela.

Com estes animais começam-se a criar hábitos de consumo cada vez mais exigentes com a qualidade da carne e dos ovos, com o sabor e a tradição dos alimentos. As nossas raças autóctones são história e cultura do nosso povo.

Por querer saber um pouco mais sobre a histórias das nossa raças autóctones, António Damas, um dos homens

que há muito se dedica à criação de raças de galinhas em Portugal, passou parte do seu tempo, em sótãos dos mais antigos alfarrabistas de Lisboa, à procura de registos sobre o passado e evolução das nossas raças autóctones.

Um dos livros onde foram encontradas referências a raças de galinhas portuguesas tem como autor J. C. Rebelo Frazão, premiado com medalhas de ouro em várias exposições de Avicultura.

GALINHAS

Suas raças e suas características

Alimentação – Postura – Capoeira – Enfermidades e tratamentos – Conselhos aos Avicultores” Coleções Agrárias, Biblioteca Agrícola, Rua S. Bento, 279 Lisboa, data ilegível.

Palheirinhas

“São conhecidas entre nós estas elegantes aves que se encontram nas ilhas, principalmente na Ilha da Madeira. São pequeninas, muito elegantes e muito vivas; atrevidas e arrogadas, não hesitando em lutarem com outras aves ou mesmo com animais de maior corpulência. A sua carne é gostosa, e aclimam-se facilmente nas regiões temperadas.”



origens e história



Portuguesas

“Propositadamente a deixamos para o fim, não por nos merecer menos apreço, mas por as suas características serem bastante vulgares. Reconhece-se pela forma da cabeça pequena, bico fino e aguçado, amarelo ou negro azulado. Enfim é demais conhecida para que a descrevamos.

Os defeitos que apresenta na conformação, isto é, peito estreito, coxas magras e defeituosas, deselegância, etc. Provém das más condições em que a obrigam a viver e de má alimentação.

A galinha comum é, geralmente, boa poedeira boa mãe, e engorda com facilidade, sendo preferível, à maior parte das aves de lixo com que a substituíam.

É este o maior elogio que se pôde render à galinha portuguesa.”

Pelo Médico Veterinário Dr. Mário Marques, do Quadro Técnico da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, Antigo Adjunto do Director da Estação de Fomento Pecuário de Lisboa e Posto Central de Avicultura, Antigo Assistente da Escola Superior de Medicina Veterinária.

Galinhas e Ovos Sua Criação E Aproveitamento

Colecção Fontes de Riqueza – V, 13ª Edição. Livraria Clássica Editora, A. M. Teixeira & C.ª (Filhos), L.da, Praça dos Restauradores, 17, Lisboa.

“Esta obra acabou de se imprimir em Fevereiro de 1965, nas oficinas da Imprensa Portuguesa, Rua Formosa, 108-116 – Porto”

De este autor recolhemos a seguinte informação que passamos a citar:

“Infelizmente não temos nenhum agrupamento de galinhas a que possamos atribuir por enquanto a designação de raça. Têm aparecido nas exposições de avicultura, de vez em quando, um ou dois exemplares de galinhas, a que é atribuído um nome de uma raça que é inscrita fora dos regulamentos das exposições.

Dentro das raças de galinhas que existem no país, a única que está mais homogénea e mais perto de atingir a designação de raça é a Transmontana.

Existe um padrão desta raça que foi estabelecido há já algum tempo, no entanto não o transcrevemos por não concordarmos com ele.

A Pedrês Nacional ou também chamada Pedrês Paiã não existe como raça, pois dentro destas galinhas temos aves de todos os tamanhos e feitios.

Para a Barbuda Lusitana termos que dizer o mesmo que para a Pedrês, estando neste caso ainda esta em maior variação.

Sabemos que actualmente num organismo oficial se está a trabalhar para um novo exemplar, a que se dá o nome de Amarela do Minho. Esperemos e oxalá que dentro de pouco tempo tenhamos uma nova raça de galinhas nacional.”

Neste documentos encontramos referências a várias grupos ou populações de galináceos portuguesas com alguma homogeneidade fenotípica, nomeadamente a Palheirinha, a Portuguesa, Transmontana, Pedrês Nacional ou Pedrês Paiã, Barbuda Lusitana e por ultimo a Amarela do Minho.

Não encontramos nestes registos nenhuma caracterização



pormenorizada das raças referidas, que nos permita hoje procurar identificar estes animais. Por exemplo na obra de J. C. Rebelo Frazão sobre as galinhas Palheirinha e a raça Portuguesa pouco ou nada se encontra que nos ajude na caracterização fenotípica destas aves, e fica-nos difícil com estes dados procurar saber se ainda existem ou não alguns exemplares das variedades referidas.

Participar num projecto de preservação de uma raça autóctone é algo muito gratificante e é tanto mais gratificante quanto mais sabemos sobre estes animais e o trabalho que tem vindo a ser feito no sentido da sua conservação e melhoramento.

Preservar uma raça autóctone não é um trabalho que se possa fazer sozinho, temos que aprender com as experiências de todos, é fundamental partilhar experiências e conhecimentos que se complementem, temos também que perceber que contributo podemos dar e de que forma, para um projecto desta natureza.

Com a Fundação da ALCAC, cria-se um novo espaço, para

que o trabalho de divulgação e preservação das nossas raças autóctones aconteça. As iniciativas da associação, exposições a nível nacional e algumas participações em concursos internacionais, têm contribuído para a divulgação das galinhas de raça autóctone portuguesa, para o aumento do número de criadores dedicados a estas raças assim como para uma dedicação por parte dos criadores, mais conhecedora das características próprias de cada uma das raças. Tudo isto tem sido fundamental para que a preservação das raças, se faça de forma criteriosa e com conhecimento, fundamental para a valorização do nosso património genético.

Estamos convencidos que contribuímos ainda, para se darem os primeiros passos que um dia possam levar a que as nossas raças autóctones venham a ser reconhecida internacionalmente pela Entidade Europeia de Avicultura (EE).

raças



Pedrês Portuguesa

É fundamental para um criador, ter conhecimento do padrão da raça. Só assim, o tempo que dedicar à criação destas aves se fará com algum sentido e contribuirá para uma preservação e melhoramento da raça de forma orientada.

Os padrões para as raças de galinhas autóctones portugueses estão definidos e publicados pela AMIBA (Associação de Criadores de Bovinos de Raça Barrosã). A AMIBA, é a associação detentora da gestão do Registo Zootécnico/Livro Genealógico destas raças de galinhas, reconhecidas como raças genuinamente Portuguesas.

Morfologia e Características gerais

Plumagem aspecto mosqueado, matizado de cinzento-escuro em fundo branco

Peso do Galo entre 2,600 e 3,000 Kg

Peso da Galinha entre 2,200 e 2,700 Kg

Diâmetro dos anéis Galo 17 mm

Diâmetro dos anéis Galinha 15 mm

Descrição do galo

Cabeça forte, larga, de comprimento médio

Cara rugosa, de cor vermelho vivo, glabra

Crista tamanho médio, direita, firme, textura fina, de cor vermelho vivo, com cinco ou seis pontas (ou dentes), bem definidas

Bico tamanho médio a grande, forte, meio curvo, de cor amarelo pálido

Olhos grandes, proeminentes, redondos, íris cor-de-laranja

Orelhas oblongas, tamanho médio, de cor vermelho vivo, glabras

Barbilhões tamanho médio, ovalados, de cor vermelho vivo, glabros

Pescoço levemente arqueado, bem proporcionado e com abundante plumagem (excepto na variedade “careca”) que cai sobre os ombros;



Plumagem

de aspecto mosqueado, matizado de cinzento-escuro em fundo branco, apresentando cada pena transversalmente barras regulares, estreitas, paralelas, mais ou menos da mesma largura e definidas, em que uma barra cinzenta escura alterna com uma barra branca ou cinzenta clara, formando no seu conjunto barras descontínuas.

Descrição da galinha

As mesmas características que no galo, tendo em conta as diferenças sexuais, nomeadamente o porte mais pequeno e correspondente menor peso. O pescoço é mais curto que no galo, o peito é saliente e largo mas menos que no galo, a cauda é mais fechada e as penas apresentam uma direcção mais horizontal ligeiramente ascendente, a coloração da plumagem é mais uniforme, os tarsos são mais finos e com um esporão vestigial e a crista e os barbilhões são de menores dimensões que no macho.

O autor do Padrão da Raça: Leonor Dias, Secretária Técnica do RZ/LG da Raça de Galinhas Pedrês (AMIBA).

Diâmetro de anilhas recomendado

Machos 20 mm

Fêmeas 18 mm

Tronco de largura média, cilíndrico e ligeiramente inclinado para trás

Dorso arredondado, ligeiramente inclinado, com adornos no galo

Peito largo, profundo, proeminente, ligeiramente arredondado

Abdómen amplo e profundo

Cauda comprimento médio, bem aberta, fazendo um ângulo de 135 graus com o dorso; as grandes e pequenas foices estão recurvadas em arco

Extremidades

Asas tamanho médio, bem unidas ao corpo.

Coxas tamanho regular, robustas, com abundante plumagem.

Tarsos escamosos, moderadamente grossos, de cor amarelo pálido, com alguma pigmentação de cor ardósia escuro, desprovidos de penas.

Dedos número de quatro, rectos, finos, de comprimento médio.



raças



Rhode Island Red O melhor de dois mundos

As galinhas Rhode Island são consideradas por muitos como a raça de valência dupla, carne e ovos. Eu diria tripla se a essas duas pudéssemos juntar a beleza.

As Rhode Island (de agora em diante designadas por rhodes) são uma raça de grande porte, de aspecto compacto e pesado com uma plumagem vermelho ferrugem muito brilhante e lustrosa. São considerados de dupla valência pela sua óptima carne (muito clara e tenra), peso (machos entre 3,3 a 4 kg) e pelos índices de postura (280 ovos por ano, www.burkesbackyard.com.au), consideradas por muitos uma das melhores raças poedeiras de sempre. Esta valência tornou-a na raça mãe para a base da maioria dos híbridos das poedeiras industriais.

As rhodes são também galinhas robustas e muito resistentes a doenças, ideais para manter ao ar livre, soltas ou em capoeiras grandes. Muitos exemplares também chocam os seus ovos mas geralmente não são boas mães, são um pouco nervosas e pisam com frequência os pintos acabando por os matar.

Historia e Origem da raça

A raça teve origem nos Estados Unidos, nos estados de Massachusetts e Rhode Island de onde veio o seu nome. Os primeiros registos desta raça reportam-se a início do século XIX (1800's).

De acordo com a bibliografia esta raça terá surgido do cruzamento de Malaios vermelhos (de onde se pensa que veio a cor e a robustez), Leghorn e varias raças asiáticas. Devido também aos Malaios há uma variedade das rhodes com crista romana, no entanto na Europa parece não haver esta variedade.

Cedo foi aproveitada para a indústria dos ovos mas rapidamente se tornou famosa também em exposições e exibições pelo que, em 1898, foi criado o primeiro club para a raça. Desde então a raça tem mantido muita popularidade principalmente nos Estados Unidos (EU) e Inglaterra. Nos EUA aos longo dos anos a raça tornou-se quase preta devido ao apuramento sempre pelos exemplares mais escuros. Na Europa mantêm-se de cor vermelha ferrugíneo apesar de preferencialmente escura.

raças



Características da raça

Corpo Macho Robusto, de pescoço levantado e alto. Rectangular e sela plana. De cor vermelho ferrugíneo forte, muito brilhante com aspecto lustroso.

Corpo Fêmea Compacta, baixa comparada com o tamanho do macho. A cor é semelhante mas menos lustroso. Não é permitido outra cor nas penas a não ser preto na cauda e, de forma subtil, nas asas.

Cabeça Forte e robusta, crista simples, média, de 5 a 7 pontas. Variedade de crista romana aparentemente não existente em Portugal. Barbelas grandes, brinco vermelho.

Patas Amarelas. Por vezes podem surgir manchas avermelhadas associadas à pigmentação vermelho que dá a cor (figura 3). Não é defeito.

Cauda Preta com brilho verde, curta e fofa, posicionada ligeiramente acima do dorso.

Texto: Ricardo Silva

Referências

Chicken Breeds and Varieties (A2880), John L. Skinner, University of Wisconsin-Madison

The History of Rhode Island Red, Dave Anderson, American Poultry Association.

The Illustrated Guide to Chickens, Celia Lewis, A&C Black, London.

<http://www.burkesbackyard.com.au/factsheets/Birds/Rhode-Island-Reds/1380>

Plumagem com penas grandes, arredondadas e bem coladas ao corpo

Ovos de 55 a 60 gr. de cor castanho

Diametro anilhas Galo: 22 mm Galinha : 20 mm

Morfologia Galo

Cabeça Tamanho Medio e Larga

Cara Lisa de cor vermelha brilhante e com penas muito finas

Crista simples, média e direita com cinco dentes regulares. O lóbulo segue a curva do pescoço mas sem se juntar, de cor vermelho vivo.

Barbilhos médias mas bem redondas, sem rugas e de cor vermelho vivo.

Orelhas Médias, largas e lisas, não demasiado aderidas e de cor vermelho vivo.

Bico médio, ligeiramente curvado de cor de corno avermelhado.

Olhos grandes com a íris de cor vermelha e os arcos superciliares algo salientes.

Pescoço de comprimento médio, direito com abundante esclavilha sem exageros e cobrindo os ombros.

Tronco Largo e comprido de forma rectangular arredondada, com plumagem bem aderido.

Dorso Largo, comprido e horizontal, com chaireles abundantes e bem aderido.

Peito Largo, saliente com a quilha comprida, profundo, cheio e redondo.

Abdómen Moderadamente desenvolvido, largo, cheio e profundo.

Cauda Curta, levantando-se num ângulo entre os 30º a 40º a partir da linha do dorso. As foices são de tamanho médio, as grandes foices passam ligeiramente as timoneiras e as pequenas foices são abundantes.

Extremidades

Asas médias, largas bem coladas e levantadas na horizontal.

Músculos fortes, Largos de tamanho médio com plumagem abundante e bem colada.

Tarsos de tamanho médio, sem penas, finos em relação do tamanho da ave, bem redondos e lisos de cor amarela alaranjado com escamas vermelhas e uma linha de pontos avermelhados na parte exterior.

raças



Morfologia da Galinha

Tirando as diferenças devido ao sexo, o dorso é mais horizontal com a cauda levantada a 30º sobre a linha do dorso, a crista é bem pequena e direita.

Variedades De Cor Vermelha

Galo O conjunto das penas é vermelho escuro intenso e regular com bastantes reflexos brilhantes.

As grandes cobertas das asas não devem ter restos de negro. As remeras primárias são vermelho escuro nas barbas interiores e parcialmente marcadas com uma fina banda negra ao comprimento da raquis no exterior, cujos bordes exteriores são vermelhos. As remeras secundárias são vermelho escuro com as barbas internas em parte negras e vermelhas. A cauda é completamente negra com relexos verdes. O subplumagem deve ser escuro aproximando-se o mais possível da cor exterior.

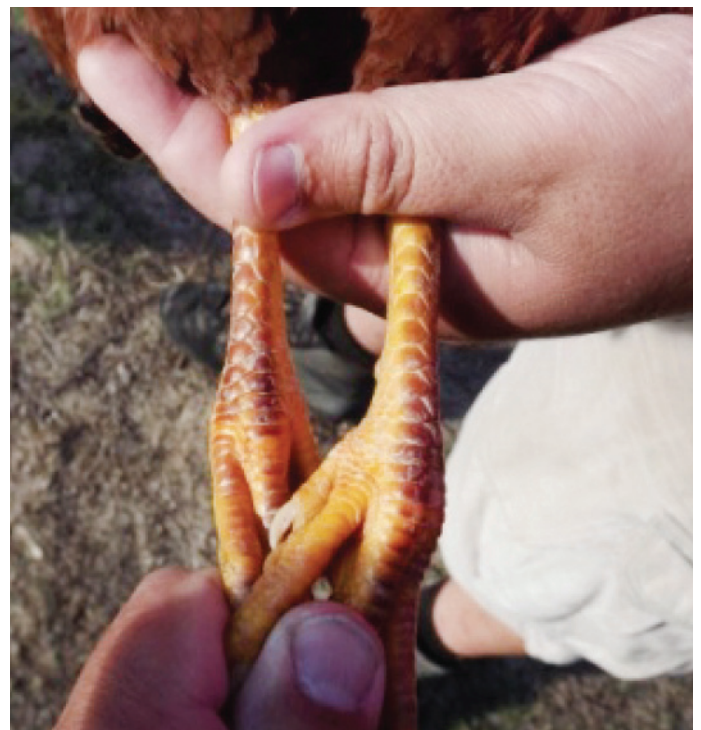
Galinha Cor vermelho escuro intenso como no galo.

As pontas das penas inferiores da esclavilha podem ter negro.

Defeitos graves

Tronco demasiado curto e triangular ; olhos claros ; Branco nas orelhas ; dorso muito inclinado ; penas brancas.

Texto Características Raça: *Amadeu Francesch Vidal (2006) Gallinas raza. Segunda Edicion Ediciones Arte Avicola. Valls (Tarragona)*



raças



Tadorna-sul-africana (Tadorna cana)

A criação de Tadornas

As tadornas são anatídeos que se situam em termos morfológicos e comportamentais entre os patos (pato-real) e os gansos.

Em termos morfológicos são aves de porte médio, tem membros curtos e, com pescoço curto e não esguio como os gansos.

Pesam, dependendo da espécie, entre 1 e 2 kg (machos). Possuem dimorfismo sexual mas as diferenças não são tão acentuadas como a maioria dos patos. Apesar de não serem tão exuberantes como muitos patos ou gansos têm plumagens muito atraentes de cores ténues mas lustrosas dando-lhes um aspecto sedoso.

Em termos comportamentais não são tão aquáticos como a maioria dos patos mas são mais que os gansos, fazendo muitas vezes as suas exibições nupciais dentro de água. São também muito mais herbívoros que outros patos.

A “família” das tadornas compõe 6 espécies. A espécie talvez mais conhecida é a *Tadorna ferruginea* (pato-fer-

rugíneo) que, em estado selvagem se reproduz no norte de África, Índia e China.

A tadorna-sul-africana (*Tadorna cana*) como o próprio nome indica encontra-se unicamente no Sul de África, a tadorna-do-paráiso (*Tadorna variegata*) vive apenas em algumas ilhas da Nova Zelândia, a tadorna-australiana (*Tadorna tadornoides*) e a tadorna-radjah (*Tadorna radjah*) distribuem-se pela Austrália e ilhas Molucas e a *Tadorna tadorna* (pato-branco) distribui-se pela Europa e é a única a nidificar em liberdade em Portugal. Este último destaca-se das outras espécies por ter uma protuberância no bico e por ser mais colorida.

A reprodução de tadornas

As tadornas são em geral monogâmicas, ou seja, formam casais para toda a vida. São também muito territoriais e, de alguma forma, agressivas para outros patos, razão pela qual não são mais populares entre os aficionados.

Não é possível criar mais de um casal de tadornas no mesmo recinto.

Por outro lado estes patos são muito interactivos com os humanos o que os torna atraentes para o amante e criador de aves aquáticas.

As tadornas em estado selvagem reproduzem-se em tocas de outros animais. Em cativeiro a forma de simular este ninho é enterrar uma pipa de barro ou outro recipiente no chão, coberto por cima com terra com a entrada fora da terra simulando a entrada de uma toca (Figura 1). Deve colocar mais de um ninho em sítios recatados e, se possível, dissimulados pela vegetação, para que as aves escolham um deles.

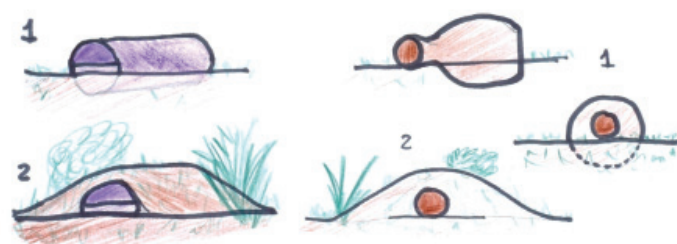


Figura 1 - Ninhos para tadornas. Com um bidon ou manilha e com pipa de barro. 1- primeira fase. 2 – aspecto final.

A maioria das tadornas colocam de 10 a 14 ovos e chocam durante 28 a 30 dias. A época de reprodução em estado selvagem é variável dependendo da origem mas em cativeiro em Portugal costuma ocorrer entre Março e Maio.

raças



Pato-ferrugíneo (*Tadorna ferruginea*)

Os casais só costumam reproduzir-se aos dois ou três anos mas já devem estar acasalados pelo menos há um ano. Estas aves vivem em média cerca de 10 anos, no entanto com boas condições de cativeiro podem viver mais do que isso.

As instalações devem ser espaçosas e destinadas apenas para um casal de tadornas (e eventualmente mais um de outra espécie). As dimensões aconselháveis, para um parque, são 5/5 metros com um pequeno lago central de cerca de 2m² pouco profundo (20/30 cm), pois é na água que a maioria das tadornas copulam.

Se houver instalações contíguas estas devem estar separadas com material opaco (rede sombra/vidre ou outra) de forma a que as aves não se vejam, caso contrário os machos passarão todo o tempo em disputa territorial entre si e não ligarão às fêmeas. Se as aves estiverem amputadas bastará uma vedação de 1 metro de altura para proporcionar uma agradável instalação (figura 2).

Na figura 2 representa-se de forma esquemática, um tipo de instalação para tadornas e outros patos. Duas ou mais

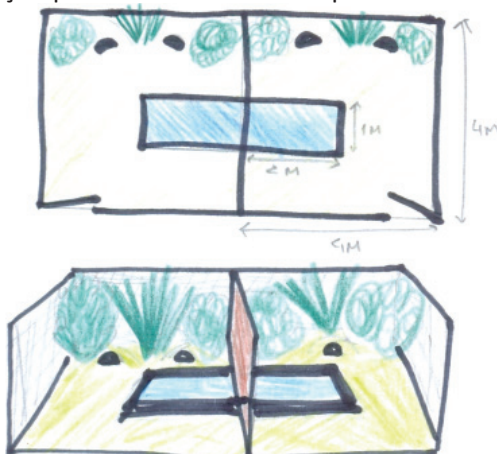


Figura 2 – Exemplo de instalações para dois casais de tadornas.

instalações geminadas, utilizando apenas um lago, separadas por uma rede opaca. Ao fundo do parque plante vegetação arbustiva que as aves não comam, como por exemplo loendros, plumas, aroeiras, pimenteiras ou piteiras, onde coloca os ninhos conforme descrito em cima. Em volta do lago e na frente deixe o espaço livre para poder apreciar as suas aves. Poderá semear/cobrir o solo com relva ou prado que dará um aspecto natural mas conte que as tadornas se alimentarão dele também. Este espaço será o ideal para um casal de tadornas e um casal de outros patos não agressivos (mandarins por exemplo).

As tadornas são omnívoras, adoram pastar mas mantêm-se facilmente com mistura de grãos como trigo, milho e arroz complementado com granulado para patos. Deve fornecer alimento vegetal com regularidade e por vezes alguma proteína (comida de gato) que deverá ser administrado quase como um iguaria. Se possível, o ideal é deixá-las sair para ir pastar, comer erva e caracóis nas imediações das instalações. Isto dará saúde extra aos seus animais.



Tadorna-do-paráíso (*Tadorna variegata*)

Outros conselhos

Tenha cuidado ao comprar as suas aves, certifique-se que são jovens e que correspondem de facto a um casal da mesma espécie. Prefira animais amputados se não tiver instalações cobertas e ampute sempre as crias que nascerem durante a primeira semana de vida. Comece por espécies mais fáceis de criar como as tadorna ferruginea e tadorna tadorna e só após ganhar experiência com estas espécies se aventure com as outras.

Texto e desenhos: Ricardo Silva

Bibliografia consultada

Fotografias tiradas da Internet em sites livres de quaisquer direitos sobre as mesmas.

Brown, Danny (1998) – *A guide to pheasants & waterfowl, their management, care and breeding*. ABK publications. Australia.

Todd, Frank S. (1997) – *Handbook of waterfowl identification*. Ibis publishing company. California

expo

III Expo ALCAC 2013 E II Bienal Luso-Espanhola

Realizou-se em Campo Maior de 1 a 3 de Novembro a nossa exposição anual, mais uma vez a afluência de público foi boa e a participação dos nossos associados ultrapassou todas as nossas melhores expectativas.

Tiveram expostas cerca de 410 aves.

Os juizes Internacionais da EE vieram da Federação Espanhola FESACOCUR, Sr. Arturo Gonzalez, para julgar as galinhas e Sr. Iván Fernández López para os pombos.



CLASSE	JAULA	RAÇA	PO.	PROPRIETÁRIO
Melhor Ave da Exposição	73	Pombo King	96	Rogélio Cardoso
Melhor Luso-Espanhola	359	Uterana Perdiz	95	Isidro Naharro
1º POMBO	73	King	96	Rogélio Cardoso
2º POMBO	311	Tambor Boukaria	96	Manolo Parra
3º POMBO	68	Mundano	95	Rogélio Cardoso
1º Galo Estrangeira Gran	313	Australorp	96	António Damas
2º Galo Estrangeira Gran	30	Twentse	96	José Romão
3º Galo Estrangeira Gran.	132	Malines	95	Leonel Gonçalves
1º Galinha Estrangeira	128	Sussex	95	Leonel Gonçalves
2º Galinha Estrangeira	314	Australorp	95	António Damas
3º Galinha Estrangeira	316	Australorp	95	António Damas
1º Galo Estrangeira Anã	258	Kriell	96	Raul Ribeiro
2º Galo Estrangeira Anã	286	Brig. Inglês Mod.	95	Manolo Parra
3º Galo Estrangeira Anã	111	Araucana	95	Sérgio Gaspar
1º Galinha Estrang. Anã	257	Kriell	96	Raul Ribeiro
2º Galinha Estrang. Anã	339	Ko-Shamo	96	Arminda Ribeiros
3º Galinha Estrang. Anã	261	Kriell	96	Raul Ribeiro
1º Macho Pedrês Portug	1	Pedrês Portuguesa	93	João Carita
2º Macho Pedrês Portug	136	Pedrês Portuguesa	93	Leonel Gonçalves
1º Fêmea Pedrês Portug	6	Pedrês Portuguesa	94	João Carita
2º Fêmea Pedrês Portug	2	Pedrês Portuguesa	93	João Carita
3º Fêmea Pedrês Portug	5	Pedrês Portuguesa	93	João Carita
1º Macho Preta Lusitanic	329	Preta Lusitânica	93	António Damas
1º Macho Branca Portug	134	Branca Portugues	94	Leonel Gonçalves
1º Fêmea Branca Portug	133	Branca Portugues	93	Leonel Gonçalves
1º Macho Espanhol Gran	372	Extremanha	94	Isidro Naharro
1º Fêmea Espanhola Gran	359	Uterana Perdiz	95	Isidro Naharro
1º Macho Espanhol Anã	540	Flor D'amentller	94	João Carita
1º Fêmea Espanhola Anã	13	Flor D'amentller	94	João Carita

expo

Estamos todos de parabéns, pois o nível das nossas exposições tem vindo a melhorar de ano para ano, conseguindo este ano pela primeira vez, não termos nenhuma ave dos nossos associados desclassificada, o que só prova a dedicação e empenho de todos em melhorar aquilo que criamos.

A todos vós o nosso obrigado, neste ano de 2014, contamos com toda a vossa colaboração para ainda conseguirmos melhores resultados.



expo



classificados

Nesta secção a ALCAC oferece a possibilidade aos seus associados de publicarem as suas criações e as procuras de animais que necessitem, gratuitamente.

A ALCAC lembra que a responsabilidade dos anúncios são dos seus autores, declinando a ALCAC qualquer responsabilidade sobre a qualidade dos animais ou produtos anunciados nesta secção.



Disponível

Associado nº 35

Ricardo Silva

Phoenix: nas cores : Prateado; Dourado; Vermelho; Chocolate e Branco 50€/Casal

lusophoenix@gmail.com

Tlm : 965 657 289

Associado nº 58

Raul Ribeiro

Krill : Dourado

Tlm : 925 834 444

Tef : 271 030 114

Associado nº 1

António Damas

Australorp: mais 5 meses /Casais 65 a 75€

Machos 30€

antonio_damas@hotmail.com

Tlm: 966 064 274

Associado nº 33

José Romão

Casais Shamo

Casais Twentse

jose_romao@sapo.pt

Tlm: 968 054 336

Associado nº 2

João Carita

Pavões: nas cores: Púrpura Asa Negra; Bronze; Cameo; Branco.

carita@quintalpavos.com

Tlm: 914 558 518

Associado nº 35

Ricardo Silva

Rhode Island: 65 € /casal

lusophoenix@gmail.com

Tlm : 965 657 289

Procura

Associado nº 58

Raul Ribeiro

Krill casais ou machos : Prateado ; e Negro

Tlm: 925 834 444

Tlf : 271 030 114

Associado nº 65

Mário Carapeto

Araucanas : Preferência Trios

Seabright : Macho cor Dourado ; e Prateado

mariocarapeto@gmail.com

Tlm : 961 036 683

Avese Criadores

Revista da Associação Lusa de Criadores de Aves de Capoeiras

